

As imagens da cidade: caricatura e urbanização em Pelotas no século XIX.

ARISTEU ELISANDRO MACHADO LOPES - UFRGS¹

A cidade de Pelotas, no século XIX caracterizou-se pelo amplo desenvolvimento econômico proporcionado pela utilização da mão-de-obra escrava nas charqueadas. O que favoreceu o desenvolvimento artístico, urbano e cultural. Assim, o jornalismo também obteve êxito, ao encerrar do século, Pelotas contabilizava 116 jornais, entre estes, três periódicos se apresentavam como humorísticos e ilustrados: *Cabrion* (1879-1881); *Zé Povinho* (1883) e *A Ventarola* (1887-1889).²

O *Cabrion*, que se apresentava como “folha ilustrada”, foi publicado pelo francês Eduardo Chapon e pelo caricaturista português Eduardo de Araújo Guerra sócios na oficina litográfica, na qual os desenhos eram executados.

Em 1880 Eduardo Chapon se desligou do periódico, assumindo toda a responsabilidade Eduardo Guerra, o qual transformou a folha numa ferramenta para criticar intensamente a sociedade da época, fato que o tornou odiado na cidade por suas caricaturas audaciosas. Além de se envolver em conflitos com outros jornalistas, como Henrique Marcos Gonzáles, caricaturista do *Marui*, publicado na cidade de Rio Grande. E com Antonio Joaquim Dias, proprietário do importante jornal diário pelotense *Correio Mercantil*. Mais tarde Eduardo Guerra atuou n’ *O Século*, de Miguel de Werna, e n’ *A Lente*, de sua propriedade, ambos publicados em Porto Alegre, e posteriormente n’ *A Platéia*, em São Paulo.”

Após a suspensão do *Cabrion*, somente em 1883 apareceria outro jornal ilustrado: *Zé Povinho*, dirigido por Francisco Rodrigues Noronha. Este periódico circulou por pouco tempo, em parte pela falta de artistas habilitados para desempenhar as funções necessárias para manter o jornal. O nome foi uma influência da personagem *Zé Povinho* criada pelo caricaturista

Rafael Bordalo Pinheiro, no periódico *O Mosquito* publicado a partir de 1875 no Rio de Janeiro. Logo, a figura do homem franzino associado às camadas populares foi sendo apropriada por outros caricaturistas sendo utilizada na imprensa brasileira de fins do Século XIX e durante as primeiras décadas do XX.³

Em 1887, Pelotas teria outro hebdomadário ilustrado, por iniciativa, novamente de Eduardo Chapon - *A Ventarola*, a qual se apresentou como “folha ilustrada e humorística”. Nela, destacou-se o alemão Guilherme Stoffel, especialmente na execução dos retratos que ilustravam a primeira página do periódico.

A partir de 07 de julho de 1889, *A Ventarola* aumentou seu formato e reduziu suas páginas para quatro. Chapon, na busca por novos assinantes, reduziu o valor das assinaturas e distribuiu o jornal gratuitamente. No entanto, as mudanças foram um reflexo da crise que afetava o jornal, ainda neste exemplar seu proprietário solicitava aos assinantes em atraso o pagamento das dívidas. No número seguinte foi anunciada a saída do redator, Francisco de Paula Pires, o qual estava havia meses no cargo. Em seguida sofreu um desfalque – um cobrador apossou-se do valor cobrado pelas assinaturas. Certamente estes problemas constituem o motivo para a interrupção do jornal em dezembro de 1889.

Para estes periódicos todos os assuntos que norteavam o mundo social pelotense eram passíveis de suas críticas e motivos para chistes, assim sendo, a administração pública da cidade não passou despercebida. Abordaram, por exemplo, a falta de manutenção de locais públicos, como ruas, praças e o porto e a modernização da cidade: iluminação, água e esgotos e a estrada de ferro. Dentro do conjunto de imagens que trataram da urbanização da cidade, optou-se por analisar, neste artigo, apenas algumas ilustrações da praça, da estrada de ferro, sobre o fornecimento de água e iluminação.

A PRAÇA CENTRAL

A história da formação urbana de Pelotas está associada a fundação da freguesia em 1812, pois a partir deste momento foi definido o espaço no qual seria construída a igreja e conseqüentemente traçadas as primeiras ruas. Em 1832, Pelotas passou a condição de vila, e foram traçadas mais quinze ruas na direção do canal do rio São Gonçalo.⁴ A praça projetada neste período foi denominada inicialmente da Regeneração, passou a partir do segundo Império para Praça Dom Pedro II, retornando mais tarde ao nome anterior. Quando da Proclamação da República, tornou-se Praça da República e a partir dos anos 1930 Coronel Pedro Osório, o qual possui até hoje. Este espaço somente foi arborizado e ajardinado em 1873, com a colocação no centro de um chafariz – Fonte das Nereidas – importado da França, que além de embelezar fornecia água à população.

O chafariz, que ainda ocupa o centro da praça, foi ilustrado pelos três periódicos. Em 1880, o *Cabron* apresentou duas imagens, na primeira tratou do enorme fluxo de pessoas ao local, uma verdadeira “romaria”, enquanto na segunda afirmou que o chafariz se tornava pouco concorrido nas noites de apresentação de companhias teatrais:



Fig. 1: *Cabron*, 16/05/1880, nº 67, p.3.



Fig. 2: *Cabron*, 30/05/1880, nº 69, p.3.

Na primeira imagem se observa que os transeuntes são todos brancos, os homens, por exemplo, usam cartolas. A praça era um ambiente destinado para a diversão da população

“nobre” da cidade, sendo que a circulação de pobres e escravos nestes espaços era restrita. Ao abordar o carnaval de 1883, o periódico *Zé Povinho*, ilustrou a brincadeira do entrudo praticada na praça, novamente aparecem na imagem homens e mulheres com trajés e chapéus elegantes. Certamente representam a elite da sociedade, que além de participar das atividades oferecidas pelos clubes carnavalescos, participavam do entrudo, apesar de ser considerado pelas autoridades e por alguns jornais do tempo um jogo bárbaro que deveria ser suplantado pelos elegantes bailes de máscaras⁵.



Fig. 3: *Zé Povinho*, 21/01/1883, nº 03, p.3.

Além disso, a análise desta ilustração demonstra que as divisões sociais e a ocupação dos espaços urbanos eram bem demarcadas na sociedade pelotense durante o entrudo. Em Pelotas a festa era essencialmente promovida por famílias norteadas por normas européias e com um mesmo nível econômico, assim continuavam existindo divisões sociais e étnicas durante a brincadeira. O “redondo” da praça, como era conhecido na época o espaço central com o chafariz, era destinado somente para esses segmentos, como representa a ilustração.⁶ Além da imagem, os jornais da época relatavam essa divisão, salientando que as sociedades

carnavalescas formadas pelas camadas populares, incluindo-se escravos e ex-escravos, se concentravam num dos lados da praça, junto à atual rua Lobo da Costa.

Diferentemente, em centros urbanos maiores, a barreira entre os segmentos sociais não era tão resistente. No entrudo realizado na cidade do Rio de Janeiro no século XIX, por exemplo, os escravos se enfarinhavam numa clara encenação de sátira social, enquanto que "das janelas e sacadas, ou no leito das ruas, mulheres e homens de variada extração social divertiam-se empenhadamente em atirar limões-de-cheiro".⁷

O PROGRESSO DA CIDADE

Em 1871, visitou a cidade um viajante britânico, Michel George Mulhall, em suas anotações, ele registrou o progresso da cidade, citou o projeto da estrada de ferro até Bagé, das obras de instalação do gás para a iluminação das ruas do centro, de um projeto para a colocação de bondes e da construção do novo prédio da Santa Casa.⁸ Sobre a estrada de ferro Pelotas-Bagé, o *Cabron* publicou uma ilustração, na qual uma representação de uma mulher, identificada como "Pelotas", puxava um trem, que simbolizava o "progresso", acompanhado da legenda: "Pelotas vai na senda do progresso":



Fig. 4: *Cabron*, 16/05/1880, nº 67, p.3.

As discussões sobre a construção de uma estrada de ferro ligando as duas cidades, aumentou no ano de 1875. A imprensa do tempo, registrou que o projeto da estrada de ferro gerou polêmica e acirrou as disputas entre Pelotas e Rio Grande, uma vez que a principal discussão tratava do ponto do qual o trem deveria partir. Essa discussão justifica o porquê da imagem do *Cabrion* (que defendia o ponto de partida em Pelotas) apresentar a mulher puxando o trem pela parte traseira. Quando de sua inauguração em 1884, a querela foi resolvida com a primeira estação localizada em Rio Grande.⁹

Outros serviços urbanos também foram criticados, como a falta de água e as péssimas condições da iluminação pública em 1887 por *A Ventarola*:

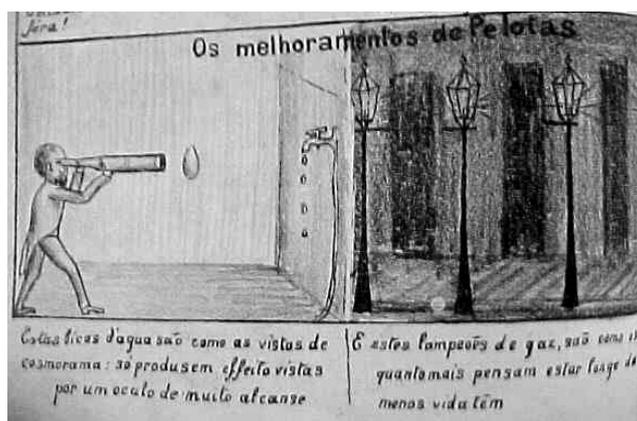


Fig.5: *A Ventarola*, 05/06/1887, nº 09, p.3.

Na imagem, o periódico afirmava que a água, somente poderia ser vista por um “óculo (sic) de muito alcance” enquanto que os lampiões de gás: eram “como os tísicos, quanto mais pensam estar longe da morte, menos vida tem.” A iluminação da cidade feita por lampiões a azeite desde 1840, passou em 1878 a ser fornecida por gás hidrogênio. A partir deste período a noite pelotense se transformou com a multiplicação dos espaços de sociabilidades, como quiosques na Praça Pedro II, cafés, restaurantes e confeitarias, os quais aproveitavam a

clareza proporcionada pelo gás hidrogênio líquido, o que possibilitou a população pelotense aumentar seu tempo de viver em público.¹⁰

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A década de oitenta do século XIX representou para Pelotas o auge do seu desenvolvimento econômico, pois apesar de localizada no extremo sul do Brasil, estava recebendo naquela década, melhorias urbanas, por exemplo, as estradas de ferro e indústrias quase, “simultaneamente à expansão mundial dessas inovações, enquanto as estruturas sociais locais viviam ainda timidamente a transição de uma sociedade escravista rumo às relações sociais tipicamente capitalistas”.¹¹ Além disso, sua população urbana, passou de 9.055 em 1858, para 21.756 em 1872 chegando a 41.591 em 1890.¹²

Essas imagens publicadas nos periódicos ilustrados compõem um manancial rico para a análise do desenvolvimento urbano pelotense na última década do Império, já que são consideradas transmissoras de uma testemunha ocular de uma determinada época, ou seja, elas são um registro produzido pelos caricaturistas que acompanharam a modernização da cidade. E, não obstante, as imagens também são testemunhas, pois relatam e contribuem, por si só, o tempo próprio do acontecimento em toda sua espessura política, social e cultural.¹³ Sendo assim, as “imagens nos permitem ‘imaginar’ o passado de forma mais vívida. Como sugerido pelo crítico Stephen Bann, nossa posição face a face com uma imagem, nos coloca ‘face a face com a história’”¹⁴

NOTAS

¹ Mestrando em História no Programa de Pós-Graduação em História/UFRGS. Este trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Tecnológico – CNPq – Brasil.

² Conforme o periódico *O Pensamento*, publicado em 1901. Na ocasião comemorava-se o Cinquentenário da Imprensa Pelotense.

³ LIMA, Hermam. *História da caricatura no Brasil* Rio de Janeiro: José Olympio, Vol I, 1963, p. 194; SILVA, Marcos Antonio da. *Caricata República. Zé Povo e o Brasil*. São Paulo: Marco Zero/CNPq, 1990, p.08.

⁴ MAGALHÃES, Mario Osório. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Um estudo sobre a historia de Pelotas (1869-1890)*. Pelotas: Ed. da Universidade/UFPel/Livraria Mundial, 1993, p.24-27.

⁵ LOPES, Aristeu E. M., “*Tu não me conhece? Eu te conheço*”: *Representações do carnaval pelotense na imprensa ilustrada do século XIX*. Pelotas, UFPel, 2004, Monografia (Graduação em História), p. 20.

⁶ Id. Ibid., p. 17.

⁷ CUNHA, Maria Clementina Pereira. Vários Zés, um sobrenome: as muitas faces do senhor Pereira no carnaval carioca da virada do século. In: _____, Maria Clementina Pereira (Org.) *Carnavais e outras f(r)estas. Ensaios de história social da cultura*. Campinas: UNICAMP/CECULT, 2002, p.374.

⁸ MAGALHÃES. Mario Osório. *Opulência e Cultura.... Op. Cit.*, p. 90-95.

⁹ Id. Ibid., p. 103

¹⁰ ANJOS, Marcos Hallal dos. *Estrangeiros e Modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX*. Pelotas: Ed. da Universidade/UFPel, 2000, p.49.

¹¹ SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. Modernidade urbana e dominação da natureza: o saneamento de Pelotas nas primeiras décadas do século XIX. *Anos 90*. Porto Alegre, nº 14, dezembro de 2000, p.185.

¹² MAGALHÃES. Mario Osório. *Opulência e Cultura.... Op. Cit.*, p. 108.

¹³ Sobre a imagem como transmissão de um testemunho ver: BURKE, Peter. *Testemunha Ocular*. História e Imagem. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004. Já para a imagem ela própria um testemunho ver: VOVELLE, Michel. Trad. Maria Julia Goldwasser. *Imagens e Imaginário na História*. São Paulo: Ática, 1997.

¹⁴ BURKE, Peter. *Testemunha Ocular... Op. Cit.*, p.17.